

AUDIODESCRIÇÃO (AD) E AS BRINCADEIRAS INFANTIS: TECNOLOGIAS ASSISTIVAS PROPICIANDO A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS (NEE's)

Eixo temático: Educação e Diversidade

Forma de Apresentação: **RELATO DE VIVÊNCIA**

Nyvea Rosa de Castro¹

RESUMO

Este artigo pretende abordar que é no brincar que entendemos o valor da inclusão, é nele também que as crianças especiais interagem com seus pares sem perceber as diferenças. O brincar infantil, dentro do contexto das tecnologias assistivas, cria uma ponte para inclusão e convida cada um a fazer parte deste processo. Neste contexto de quarentena, causado pelo novo Corona vírus, retomar estas questões se faz de extrema necessidade. Diante da importância do brincar como recurso pedagógico, este relato de vivência pretendeu verificar a influência do uso da Audiodescrição (AD) no brincar de crianças com necessidades especiais (NEE's), em uma Escola de Educação Infantil, na cidade de Juiz de Fora (MG), no ano de 2015.

Palavras-chave: Audiodescrição (AD). Necessidades Especiais (NEE's). Brincadeiras. Socialização.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão social e educacional por meio da Secretaria de Educação Especial (SEESP) desenvolve uma política de educação inclusiva cujos pressupostos filosóficos compreendem a construção de uma escola aberta e universal, um sistema educativo que respeita e valoriza a diversidade humana em uma perspectiva micro e macro.

Embora ainda não seja uma realidade muito difundida em nosso país, a audiodescrição tem sua aplicação prevista e regulamentada pela portaria número 310 de 27/07 de 2006 (Diário Oficial da União de 28/07/2006). Essa portaria complementa o decreto nº 5296 de 2/12/2004 que trata da acessibilidade. A AD consiste em uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, em que o visual é traduzido para o verbal.

Pretendemos incluir a AD na rotina diária de nossas crianças com NEE's principalmente nas brincadeiras. É com este propósito, de que a inclusão ocorra de maneira efetiva, que apresentamos este relato de vivência.

2 METODOLOGIA

A audiodescrição é um recurso pedagógico simples, sem custo e que permite ao professor incluir alunos com deficiências nas atividades.

¹ Nyvea Rosa de Castro professora formada em Curso Técnico - Escola Normal (1996), formada em Pedagogia – UFJF (2005) – Especialização em Psicopedagogia Institucional Universidade Castelo Branco (2008).

Como esclarecem Motta (2008) e Romeu Filho (2010), a AD contribui também para a ampliação do entendimento de pessoas com deficiência intelectual ou com transtornos de aprendizagem, já que trabalha com um segundo canal sensorial - a audição. Dessa forma, influencia no desenvolvimento do poder de observação e a fluência verbal, ampliando o léxico e a cultura, de forma geral.

A audiodescrição será usada durante os momentos em que seja necessária alguma explicação e imagens a serem apresentadas à criança, como na contação de história, ou em atividades em que se trabalha com música e onde sejam usados cartões para mostrar às crianças algum vocábulo importante para o desenvolvimento da atividade. Nas atividades que envolvam música, será utilizada a AD para descrever o cartão com as figuras relacionadas à música (animais, partes do corpo e expressões faciais). Nas atividades que envolvam o desenvolvimento motor e noção espacial, a AD será utilizada para descrever o cenário da atividade e os objetos utilizados, como cores, formas e maneiras de encaixe.

Durante a contação de história, onde a professora da sala deverá apresentar uma história do material didático adotado pela instituição escolar, como livro, figuras grandes e fantoches. Será feita a audiodescrição das imagens do livro e do fantoche utilizado durante a atividade.

A audiodescrição possibilitará trabalhar uma atividade de música, o que permitirá a criança aprender expressões e vocábulos novos e identificando-os com os símbolos do dia-a-dia.

O objetivo deste relato de vivência é deixar claro que a brincadeira é a melhor maneira de estimular o desenvolvimento físico, cognitivo, linguístico e social da criança.

Desta forma, conclui-se que para crianças com NEE's, algumas brincadeiras devem ser adaptadas, utilizando recursos diferenciados que condizem com a necessidade do aluno, de forma que este seja incluído em todas as atividades lúdicas propostas pela professora. O brincar não deve acontecer de forma rígida e estruturada, mas estimular a espontaneidade e a imaginação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As brincadeiras devem aguçar a curiosidade dos alunos, e cabe ao professor orientá-los na descoberta das possibilidades oferecidas pelo brincar, respeitando o momento de aprendizagem e individualidade de cada criança (CÓRIA-SABINI; LUCENA, 2004), pensando e questionando sobre sua forma de ensinar, relacionando a utilização do lúdico como fator estimulante e o brincar como um facilitador para a aprendizagem (ROCHA, 2000).

O brincar é uma atividade indispensável como aprendizagem às crianças com NEE's, pois estimula a exploração e a construção do conhecimento.

Pretendeu-se que com o desenvolvimento desta metodologia assistiva, inserida no contexto da sala de aula, que a criança pudesse adquirir conhecimentos em diversas áreas de conhecimento, como matemática, ciências, linguagem oral e escrita etc.

A audiodescrição pode auxiliar de forma positiva na superação de barreiras e inclusão no âmbito escolar, pois mostrou-se muito eficaz na estimulação da atenção e

compreensão das brincadeiras. Além disso, ao demonstrar maior compreensão da brincadeira, a criança com NEE's passa a sentir-se mais interesse em participar das atividades lúdicas, sentindo-se mais encorajada a interagir com os outros colegas de sala. Dessa forma, a audiodescrição também demonstra ser um recurso que estimula a socialização infantil de alunos com NEE's.

CONCLUSÃO

É na infância que as crianças, por meio das brincadeiras, satisfazem grande parte de seus desejos e interesses particulares (GARCIA; MARQUES, 1990).

Sendo assim, constatamos que, no caso de crianças com NEE's a audiodescrição pode auxiliar de forma positiva na superação de barreiras e inclusão no âmbito escolar, pois se mostra muito eficaz na estimulação da atenção e compreensão das brincadeiras.

Além disso, esta vivência permitiu promover a inclusão de maneira efetiva; ofertar experiências formativas para as crianças com e sem deficiência, colocando-as em equidade de oportunidades e de direitos em sala de aula, possibilitando às crianças com deficiência visual de vivenciarem o direito ao lazer, a cultura e a educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, F.D.; SOMMERHALDER, A. O brincar: linguagem da infância, língua infantil. Revista Motriz, Rio Claro, v.12, n. 2, p. 125-132, 2006.

BRASIL. Ministério das Comunicações. Lei 10.098 – de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L10098.htm>>. Acesso em: 04 de outubro de 2012.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

CÓRIA-SABINI, M.A.; LUCENA, R.F. Jogos e brincadeiras na educação infantil. Campinas: Papirus, 2004.

FERREIRA, L. Educação, inclusão e ludicidade: uma análise histórica e filosófica. Enciclopédia Biosfera, n. 04, 2007

GARCIA, M. R; MARQUES, L. A. Brincadeiras cantadas. Porto Alegre: Kuarup, 1990.

MOTTA, L. M. V. M. Audiodescrição – recurso de acessibilidade para a inclusão cultural das pessoas com deficiência visual, 2008. Disponível em: <http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=22027>. Acesso em 05 de outubro de 2012.

_____; ROMEU FILHO, P. (Orgs.). Audiodescrição: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, I. A. Política de educação inclusiva nas escolas: trajetória de conflitos. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; BARRETO, M. A. S. C.; VICTOR, S. L. (Orgs.). *Inclusão Práticas Pedagógicas e Trajetórias de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007. p. 32 – 40.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ROCHA, C. F. O espaço escolar em revista. In: COSTA, M. V. (Org.). *Estudos culturais em Educação*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 117-142.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.